

PREÂMBULO À EDIÇÃO DE 2017

*General-de-divisão Hubert de Reviers de Mauny
Diretor da École de Guerre*

*Para o general Beaufre, «a estratégia não deve ser uma doutrina única, mas um método de pensamento que permita classificar e hierarquizar os acontecimentos, e depois escolher os procedimentos mais eficazes»¹. Por isso, o pensamento é um aspeto central da estratégia. A este propósito, a publicação, em 1969, de *La Pensée et la Guerre* foi um acontecimento filosófico e estratégico.*

*Esta coletânea de conferências, a primeira das quais data de 1940 e as restantes foram proferidas na École Supérieure de Guerre a partir de 1952, «propõe um método de pensamento sintético» para compreender a guerra. Jean Guitton prolonga aqui, em suma, o «De que se trata?» de Foch. Infelizmente, a obra foi assinalada por muito poucos artigos, designadamente os de Raymond Aron e do general Beaufre em *Le Figaro* e nalgumas publicações especializadas. A época não era propícia a este tipo de reflexões, apesar da Guerra*

¹ André Beaufre, *Introduction à la stratégie*, Armand Colin, 1963.

Fria. Tendo terminado as guerras da descolonização, não se queria pensar mais no barulho das armas.

Na altura desta reedição, a globalização e as transformações geopolíticas transformaram profundamente a guerra. Ela é, mais do que nunca, o camaleão de que falava Clausewitz. Os seus avatares atuais são tão difíceis de discernir e detetar como de descrever e nomear. Favorecem uma «estratégia do indefinido» que algumas potências alimentam a seu gosto. Além disso, a ampliação do campo de batalha perturba os modelos clássicos. As distâncias explodem, e novas dimensões aparecem, como o espaço extra-atmosférico e o ciberespaço, vetor e motor da globalização, mas também seu calcanhar de Aquiles. Sem esquecer o campo das perceções, as do adversário, dos aliados, da opinião pública, das populações, que são desafios e atores das crises e das guerras. As paixões continuam a ser um dos pilares da «tríade surpreendente» de Clausewitz, juntamente com o cálculo das probabilidades militares e os objetivos políticos.

O emprego dos exércitos deve ser incessantemente adaptado ao contexto, aos desafios e sobretudo a um inimigo que está sempre a mudar. Grupos irregulares, criminosos, traficantes constituem hoje adversários híbridos que favorecem a assimetria, agem no seio das populações e recusam geralmente um combate frontal. A resposta militar por si só é muitas vezes insuficiente. Estas características, que nos são impostas, impedem o recurso às formas de ação clássicas da guerra, tanto mais que o inimigo raramente é hoje um Estado, ainda que possa assumir a sua forma. Esta mudança fundamental obriga a «pensar a guerra de outra forma», fora dos esquemas clássicos, ou seja, fora do campo das guerras de atrito em que o objetivo era a vitória por capitulação do adversário. A École de Guerre, que forma as elites militares do futuro, deve adaptar-se a estas mudanças, sem excluir a mais longo prazo um regresso às guerras entre Estados.

Para isso, os princípios da guerra mantêm-se, e a reflexão que Ibes consagra Jean Guilton mantém em muitos aspetos a sua pertinência – daí a tão aguardada reedição desta obra. É claro que o seu autor não é um teórico militar. Raciocina como um filósofo, na perspetiva do infinito, enquanto o estratega raciocina na pers-

petiva da finitude. Encontramos também no seu texto aproximações ou imprecisões históricas e técnicas. Mas não é isso o essencial. Jean Guilton atravessou o século XX e as suas guerras. Tinha 13 anos em 1914 e 39 em 1940, quando escreveu a primeira destas conferências. Testemunhou a chegada da guerra total e da subversão, que permitem que os mais fracos vençam os mais fortes, o que desde logo altera a «gramática» clássica de Clausewitz e de Guibert². Viu também chegar a arma nuclear que, pelo «poder igualizador do átomo», veio revolucionar também a avaliação das relações de força.

*Há um fio condutor e um leitmotiv que liga entre si estas cinco conferências: «Se a metafísica é a parte mais elevada do pensamento, é a estratégia que lhe corresponde no domínio da ação». Ora, a filosofia é o estudo da relação entre o sujeito e o objeto, entre o pensamento e a ação. Enquanto tal, ela tem algo a dizer sobre a estratégia, a sua essência e os seus princípios. Jean Guilton pensa que o quadro da reflexão deve ser global, para se poder «ver tudo», definir e analisar as diversas interconexões entre a ação e o pensamento. A sua abordagem é muito influenciada por Bergson, de quem foi discípulo. Mais tarde, em *Un siècle, une vie*³, desenvolverá a filiação filosófica e a ambição de «pensar como homem de ação, e agir como homem de pensamento» (Bergson). É para isso que tende também a formação proporcionada na École de Guerre.*

Na primeira conferência, «Hitler, a revolução e a guerra», Jean Guilton reflete sobre a «estratégia física», ou seja, a que procura agir sobre o inconsciente das massas. A propaganda tornou-se uma arma por direito próprio, e a ideia é posta ao serviço do poder. Hoje em dia, a explosão dos fluxos de informação, particularmente graças ao ciberespaço, desmultiplica o alcance das estratégias de influência, que os movimentos islâmicos radicais exploram magistralmente.

Mas o fenómeno não é novo. Se Hitler foi Hitler, lembra Jean Guilton, foi por causa do seu magnetismo, transmitido pela rádio

² Segundo a expressão utilizada por Raymond Aron no seu *Clausewitz*.

³ Jean Guilton, *Un siècle, une vie*, 1975.

(e dos notáveis filmes da sua propaganda, podemos acrescentar). O seu dom de comunicação, os seus apelos aos instintos gregários do homem médio e aos «movimentos subconscientes da multidão» foram os seus maiores trunfos. Ele inventou uma nova estratégia que não era «a dos corpos, mas a das almas». Nas suas confidências a Forster, citadas por Rauschnig, Hitler declarou: «Fiz da doutrina da revolução a base da minha política [...]. A nossa estratégia consistirá em destruir o inimigo a partir de dentro, em obrigá-lo a vencer-se a si mesmo...»⁴. Desagregar, ter amigos no local, e depois atacar era «a essência da estratégia, mas aplicada à psique»⁵. Sun Tzu ou Maquiavel já tinham mostrado a importância da psicologia como arma. Hitler fez dela uma estratégia por inteiro, a «estratégia psíquica». Era aquela que ele tinha acabado de aplicar na Noruega quando Jean Guilton redigiu esta conferência. E também a que aplicam hoje os movimentos islâmicos radicais.

Hitler não revolucionou apenas a condução da guerra; também foi revolucionário na sua doutrina. A base do seu pensamento é o niilismo, posto ao serviço do dinamismo alemão. Mas esse pensamento, embora seja consideravelmente bem-sucedido no âmbito da aniquilação, não consegue criar nada. Hitler é um ser de instinto e não de razão, cuja ação está inteiramente voltada para o nada. Eis o que se passa também, salvaguardando as devidas proporções, com o califado islâmico na Síria e no Iraque, ou com a Alcaida no golfo Pérsico, no Sabel e no Afeganistão.

Em «A arte de pensar e a condução da guerra», que retoma uma preleção proferida durante o ano de 1958-1959, Jean Guilton estuda a relação entre a estratégia e a lógica. Está convencido da existência de ligações entre os métodos de pensamento do homem de guerra e os do filósofo, porque os princípios da guerra têm uma essência filosófica.

O capítulo seguinte, «O pensamento e a guerra em Foch», não figurava na edição original desta obra. Trata-se de uma conferência que Jean Guilton proferiu em 1976, por ocasião do colóquio co-

⁴ Jean Guilton, *Un siècle, une vie*, 1975.

⁵ *Ibid.*

memorativo do centenário da École Supérieure de Guerre. O texto prolonga a conferência precedente, da qual retoma inclusive uma passagem, embora centrando mais o seu propósito no pensamento e na ação do vencedor de 1918.

Segue-se «O pensamento hegeliano e a condução da guerra». Jean Guitton estuda aqui a influência de Hegel, tal como foi interpretado pelo marxismo, na ação humana em geral e na guerra em particular. A dialética hegeliano-marxista vive da guerra. Nessa medida, ela constitui uma forma acabada da ligação original entre a filosofia e a estratégia. Mas Guitton evidencia também os seus limites.

Esta reflexão sobre o marxismo hegeliano inspira-se na necessidade de compreender a natureza e o pensamento do adversário (que era nessa altura o comunismo). Existe uma influência, uma «correspondência» entre o método de pensamento dum povo, dum país, e os métodos que eles aplicam nas técnicas, e portanto na guerra. Assim, Jean Guitton sugere que Foch foi inspirado por Descartes, Ludendorff por Kant e as estratégias soviéticas por Hegel. As opções diplomáticas e estratégicas duma nação são condicionadas pela sua cultura.

Na última conferência, que é a mais ampla da obra, Jean Guitton debruça-se sobre a «Filosofia da dissuasão na era nuclear». Em agosto de 1945, em Hiroxima, começou uma nova era. «Pensar a guerra nova» no seu aspeto mais geral, e do ponto de vista do filósofo, é o propósito desse último capítulo. A arma nuclear introduz na guerra um fator infinito (a certeza da destruição completa) que transcende totalmente as dimensões práticas das questões políticas, que por essência são limitadas: já não há, portanto, uma saída racional para os conflitos armados. A estratégia assume uma nova dimensão e desemboca numa «metaestratégia», porque o problema dos fins últimos se coloca inteiramente. A estratégia torna-se, mais do que nunca, o problema de cada um. Na dissuasão, na reflexão, no pensamento, precede uma ação que se espera que seja improvável. A procura do «sentido» desta evolução é o fio condutor seguido pelo filósofo.

Ao longo de toda a obra, Jean Guitton lembra-nos que o pensamento estratégico está estreitamente ligado à filosofia, o que

é tanto mais verdadeiro quanto «no fundo das vitórias de Alexandre encontramos sempre Aristóteles»⁶. Tanto no século XXI como no século XX, a guerra, qualquer que seja a sua forma, diz respeito a cada um. É, portanto, lógico que os intelectuais se debrucem sobre o tema, mas podemos lamentar que sejam tão raros os que o fazem. As reflexões que se seguem são de um pensador puro: Jean Guittou considera a relação entre o pensamento e a ação no que ela tem de mais decisivo para o destino da humanidade. As suas conclusões são de uma atualidade cativante. Por isso é um privilégio apresentar esta nova edição, enriquecida por comentários de eminentes professores da École de Guerre, oficiais e universitários, que sublinham todos a contemporaneidade do pensamento do filósofo.

⁶ Charles de Gaulle, *Vers l'armée de métier*, 1936.

ADVERTÊNCIA

Este livro não teria sido publicado tal qual estava pelo seu autor sem a nossa repetida insistência. É verdade que, por diversas vezes, tivemos de vencer as reticências de Jean Guilton, que hesitava intervir num debate cujas chaves são detidas pelos especialistas e no qual qualquer margem de manobra parece estar reservada apenas aos militares. Mas foi precisamente «a audácia deste livro, escrito por um civil» que nos pareceu situar o problema da guerra na sua verdadeira dimensão – a do lugar que ele hoje ocupa, de forma mais ou menos confessada, no espírito de cada um de nós.

Jean Guilton alertou-nos, além disso, para o facto de esta obra não ser homogénea, de a sua redação se ressentir das sucessivas datas em que ele abordou este problema e das diversas circunstâncias em que tinha sido levado a pronunciar-se sobre a questão da guerra e da sua mutação. Nós objetámos que o tempo urgia. E o leitor convirá que designadamente as suas aulas na École Supérieure de Guerre comportam, com a sua clareza e a sua concisão própria, tudo o que é preciso para cativar a atenção e esclarecer a opinião. E é verdade que «já não estamos na altura dos tempos livres e das realizações».

Enquanto ele compunha as páginas que vamos ler, a propósito da questão concreta da *dissuasão*, da ação psicológica, da mobilização da informação, do caráter absoluto do que está em jogo, últimas etapas dessa deslocação da guerra do terreno das manobras para o campo fechado das aventuras interiores, deram-se os acontecimentos da última primavera. O filósofo havia de divisar logo algumas analogias com a «metaestratégia» da qual ele lança aqui as bases: o que diz sobre a irrupção do individual, a intervenção da imaginação, a ação da palavra e a ideia de absoluto e da ameaça *absoluta* que pela primeira vez marcaram presença num conflito não armado mostra até que ponto as suas análises se aplicam aos tempos em que vivemos.

Os editores [1969]